

cobrir as placas metálicas com o nome do nada célebre burgomestre von Utrecht.

Os meus filhos gostam desta história e espero ainda contá-la um dia um dia aos meus netos, porque se é certo que a vida é breve e frágil, também é verdade que a dignidade e a coragem lhe conferem a vitalidade que nos faz suportar os seus enganoses e desditas.

Luis Sepúlveda
As rosas de Atacama
Porto: Asa, 2004

Escola Básica e Secundária de Murallas do Minho, Valença

O Pirata do Elba



Há uma rua de Hamburgo com o nome do burgomestre Simon von Utrecht, mas quase nenhum hamburgês sabe quem foi tal sujeito, nem por que é que merece ser recordado. A única coisa que sabem dele é que ordenou a execução de um homem que vive nas memórias dos irreverentes, em centenas de canções e narrativas que se contam na costa do Mar do Norte ou nos cálidos cafés de Weddel ou Blankenese.

O homem – que esse sim, é recordado – chamou-se Klaus Störtebecker e era um pirata. O Pirata do Elba.

Nos anos de 1390, a Liga Hanseática impunha a ferro e fogo o seu domínio mercantil sobre o Atlântico Norte e o Mar Báltico. A Liga estabelecia impostos absurdos, fixava preços arbitrários aos artesãos e agricultores e, nos seus mil barcos, os capitães hanseáticos utilizavam a força para castigar qualquer falta.

Mas, e como sempre aconteceu na História, um grupo de marítimos liderados por Klaus Störtebecker, um gigantão de rosto feroz e barba vermelha, disse que não, que bastava de impostos, chicote e corda, depois de um motim, fizeram-se ao mar com um barco que começou a navegar sob a bandeira da liberdade.

Em 1392, na ilha de Gotland, os homens de Störtebecker ditaram a sua declaração de princípios a um sacerdote, que traduziu para latim as palavras pronunciadas em todos os dialectos que se falavam no norte da Europa. Diziam elas que os homens são escolhidos por Deus para praticar a felicidade e que só a felicidade concedia a necessária vitalidade para suportar qualquer penúria.

A partir daquele momento começaram a chamar-se “Die Vitalienbrüder”, os Irmãos Vitais, e foram o flagelo da Liga Hanseática.

Abordavam os barcos carregados de bens e interrogavam os marinheiros acerca dos castigos sofridos e muitos oficiais e capitães sentiram nas suas carnes os arranhões do gato de sete caudas ou o ar mesquinho que a força permite. O produto do saque era repartido, metade pela confraria e a outra metade pelas populações ribeirinhas do Elba ou das costas do Báltico. A chegada de Störtebecker e dos Vitalienbrüder era esperada como uma bênção pelos pobres de então.

Como era de esperar, a Liga Hanseática fixou preço à cabeça do pirata e dúzias de capitães alemães, suecos e dinamarqueses lançaram-se na sua captura.

Não depararam com uma tarefa fácil, porque Klaus Störtebecker conhecia todos os segredos do Elba e resistiu até já

correr o ano de 1400.

Numa manhã de primavera desse ano, toda a Hamburgo marcou encontro junto da “Teufelbrücke”, a Ponte do Diabo, para presenciar a execução do pirata e de uma centena dos seus camaradas.

Simon von Utrecht, o burgomestre, pronunciou a sentença com voz firme: morte por decapitação. O verdugo fez reluzir a espada e esperou a primeira vítima, que devia ser um marinho raso, visto que parte do castigo imposto a Störtebecker era assistir à morte dos seu homens.

Então o pirata de barba vermelha falou:

– Quero ser o primeiro, e mais: proponho-lhe um acordo para melhorar o espetáculo, senhor burgomestre.

– Fala – ordenou Simon von Utrecht.

– Quero ser o primeiro. Quero ser decapitado de pé e quero que, por cada passo que dê depois de a minha cabeça ter tocado no solo, salve um dos meus homens.

Viva o Pirata do Elba!, gritou alguém do meio da multidão, e o burgomestre, certo de que era tudo fanfarronice, aceitou.

A ciciante folha de aço cortou o ar da manhã, entrou pela nuca e saiu pelo queixo do pirata. A cabeça caiu sobre as pranchas da ponte e, perante a estupefação de todos, o decapitado deu doze passos antes de cair redondo.

Aconteceu isto numa manhã de primavera do ano de 1400. Quase seiscentos anos mais tarde, na primeira semana de julho deste ano, a polícia de Hamburgo deteve vários rapazes que tentavam pela centésima vez alterar o nome de uma rua. Lavavam umas compridas fitas adesivas azuis com letras brancas que diziam “Rua Klaus Störtebecker” e punham-nas a